

MESTRE ATHAYDE — UM LUSÍADA

Com a morte de Austregésilo de Athayde, o Brasil perdeu uma de suas mais fascinantes figuras deste século. Autor de uma obra admirável realizada na Academia Brasileira de Letras, obra essa que, por vezes, nos faz esquecer de seu trabalho diuturno de jornalista e de sua qualidade de exímio escritor, mestre Athayde foi um exemplo para todos nós, como cidadão, como democrata, como humanista e, acima de tudo, como um Homem que acreditava no seu país, que sentia orgulho das raízes e projetava, para o futuro, a chama viva da brasilidade e a fé inabalável nos destinos do seu povo.

Perde a República um dos seus varões de Plutarco, fica a Pátria mais pobre sem um dos seus filhos mais ilustres, paladino e guardião, por toda a vida, da liberdade, das idéias e dos valores espirituais que dignificam a espécie humana.

Mas Austregésilo de Athayde possuía também uma dimensão que neste momento não pode ser esquecida — a de lusíada fervoroso. Não explicava, nem compreendia o Brasil fora do contorno de suas origens, despegado dos “genes” e dos “patterns” culturais que recebeu dos portugueses, primeiro, na fase do povoamento e da colonização, depois, já o País separado politicamente da metrópole, no período das migrações. E porque foi assim, porque amou deveras Portugal, onde viveu durante os anos amargos do exílio; porque sonhou, como tantos outros sonharam, aquém e além-Atlântico, com a construção de uma Comunidade de Povos de Língua Portuguesa, nada mais natural que, neste momento de tristeza, também em Lisboa e no Porto, nos Açores e na Madeira, em Cabo Verde e na Guiné, em São Tomé e em Timor, em Angola e em Moçambique, em Macau e em Goa, ou onde quer que exista um núcleo e um foco de portugalidade, haja a sensação de perda e o travo da saudade. Morreu um lusíada! A Pátria, para ele, como para Fernando Pessoa, tinha os limites da Língua Portuguesa.

Havemos de o lembrar sempre, inteiriço de caráter e jovial no trato, figura bíblica a apontar caminhos para os jovens — sobretudo os caminhos do engrandecimento do Brasil, que ele amou perdidamente.

A. Gomes da Costa